

Aluno: Acacio Scos (M)

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo V. Machado

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Paulo A. Soethe

Título: Leitor e Performance em Julio Cortázar.

Resumo: O presente estudo verá a performance direcionada as diversas produções de Julio Cortázar que vai de romances a crítica literária. Mostrar toda “uma performance “dialógica”, que objetiva juntar diferentes vozes, visões de mundo, sistema de valores e crenças, de maneira que eles possam dialogar entre si” (Marvin Carlson, 2010. p.43). É o caso de *Rayuela* que desencadeou todas as idéias para a pesquisa, e lá encontramos um “tablero de dirección” para que o leitor possa escolher uma das possibilidades, uma das vozes, ou criar o próprio roteiro para a leitura. E aqui nasce a grande inquietação da pesquisa, o leitor é colocado num primeiro plano, o personagem principal é o leitor, e em *Rayuela* encontramos nas “Morellianas” capítulos que tratam sobre o tema: o leitor fêmea que “quedará con la fachada” (p.518) e o leitor cúmplice “un camarada de camino” (p.517), ou seja, o passivo e o ativo. Observaremos em outros romances, contos e poesias o leitor, sempre com um olhar performático.

Aluno: Angelita Natel

Orientador: Prof. Dr. Walter Lima Torres Neto

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Andréa Carla Doré

Título: O imaginário medieval e a construção dos sentidos do texto em José de Anchieta – uma proposta de leitura.

Resumo: Mais de quatrocentos anos separam o conjunto da obra de José de Anchieta, de seus leitores contemporâneos. Esses textos apresentam, em suas estruturas, elementos que se assemelham - ou são recorrentes - como é o caso da presença do maravilhoso, que se reflete na presença de personagens sobrenaturais, como entes diabólicos ou divinos, e suas intervenções na vida dos seres humanos. A presença e a influência de um imaginário medieval, comprovado por vários estudos acerca do autor, também pode ser considerado um ponto de contato entre os diversos textos do jesuíta. Esta pesquisa tem a pretensão de demonstrar de que modo esses aspectos se articulam, contribuindo para a construção dos sentidos do texto pelo leitor. Nesse caso, o leitor considerado, será aquele previsto na própria estrutura interna dos textos, o leitor implícito, que orienta a leitura a ser concretizada por leitores reais, de acordo com os postulados de Wolfgang Iser, pertencente a Estética da Recepção. Pretende-se neste trabalho, ainda, a elaboração de uma proposta de leitura dos textos dramáticos de José de Anchieta no contexto da sala de aula, tendo como fundamentação teórica os postulados acerca do *horizonte de expectativas*, termo cunhado por Hans Robert Jauss, também teórico da recepção. Nesse sentido, será levada em conta, a necessidade de que o professor atue como mediador no processo de ensino-aprendizagem, promovendo os horizontes de expectativas do leitor do texto dramático e atuando como mediador da leitura. Essa etapa do trabalho se fundamentará, também, no método recepcional descrito por Bordini e Aguiar, a partir dos pressupostos da Estética da Recepção, que prevê a determinação, o atendimento, a ruptura, o questionamento e a ampliação do horizonte de expectativas do leitor, em contato com a obra.

Palavras-chave: Imaginário Medieval. Estética da Recepção. José de Anchieta.

Aluno: Eduarda Regina Drabczynski da Matta (M)
Orientador: Profa. Dra. Patrícia da Silva Cardoso
Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Marcelo Sandmann

Título: Hoje é dia de cegueira: uma metáfora social no discurso de José Saramago.

Resumo: Numa análise comparada entre os romances *Memorial do Convento* e *Ensaio sobre a Cegueira*, questões históricas, estilo de linguagem, mesmo esta formada pela ironia, sociedade retratada; todos esses aspectos, como muitos outros, sustentam os discursos, opiniões e acusações do seu autor, José Saramago. E a cegueira, atuando de forma metafórica, pode ser uma saída para apresentar de maneira “mais clara” tais pontos que muitas vezes nos são omitidos ou aceitos e logo esquecidos referentes à política e sociedade. Há, neste projeto, o objetivo de expor tais concepções de cegueira, analisá-las e relacioná-las entre si, com embasamento em situações históricas e sociais que ilustram o romance. No entanto, para que o projeto adquira desejada consistência, faz-se relevante partir do estudo das estratégias de construção do romance: aspectos narrativos e análise das protagonistas; bem como com o conhecimento sobre o contexto que enreda tanto os mundos ficcionais dos romances propostos como também os mundos reais, históricos, que se faziam presentes no momento das enunciações, das confecções das narrativas, além, é claro, do conhecimento sobre o autor, sua postura política, seus ideais e estilos, que muito valem para algumas conclusões sobre o modo como seu discurso se desenvolve.

Aluno: Irineu Choma (M)

Orientador: Profa. Dra. Marilene Weinhardt

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Renata Telles

Título: Yuxim:Alma: Uma tentativa de ficcionalização de Rã-txa hu-ni-ku-ĩ, gramática, textos e vocabulário dos caxinauás de Capistrano de Abreu.

Resumo: Em minha dissertação pretendo estudar as relações intertextuais entre o romance *Yuxim: Alma*, (2009) de Ana Miranda (1951-) e a pesquisa lingüístico-etnográfica *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ, Grammatica, textos e vocabulário caxinauás. A língua dos caxinauás do rio Ibuaçu, afluyente do Muru*, (1913) de Capistrano de Abreu (1853-1927). Neste romance, Ana Miranda, talvez de maneira inédita nas Letras Brasileiras, mais precisamente dentro dos limites da ficção histórica, ficcionaliza uma obra produzida por um historiador. Buscarei verificar também, as relações do objeto em estudo com outras obras produzidas dentro do gênero ficção histórica brasileira e mundial, com o objetivo de entender as relações entre Literatura e História presentes em *Yuxim: Alma*.

Palavras-chave: Ana Miranda, *Yuxim: Alma*, Capistrano de Abreu, ficção histórica, intertextualidade.

Aluno: João Amálio Ribas (M)

Orientador: Profa. Dra. Raquel Illescas Bueno

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Miguel Sanches Neto (UEPG)

Título: Ficcionalização autobiográfica: uma tendência do romance (brasileiro) contemporâneo.

Resumo: Estudar a autoficção e as estratégias de ficcionalização autobiográfica no romance brasileiro contemporâneo é objetivo desta pesquisa. Menos que um exercício de identificação ou catalogação de romances que possam ser considerados autoficcionais, quer-se aqui uma análise pautada por duplo viés: primeiramente, a partir de algumas obras selecionadas, sondar os mecanismos literários que decantam o biográfico em ficção, o conjunto de estratégias literárias arquitetadas para se construir romances autoficcionais. Em paralelo a isso, aliar esta análise mais técnica a uma visada, ainda que lateral, sobre a importância e os possíveis significados dessa tendência dentro do sistema literário brasileiro – e mundial - contemporâneo. Esclarecendo-se que neste estudo entender-se-á como romance contemporâneo, principalmente aqueles produzidos no país nas duas últimas décadas, e se sugerindo como baliza inicial deste recorte a obra *Quase memória quase romance* de Carlos Heitor Cony (1995). A partir daí, estudar alguns ficcionistas nacionais alinhados por essa tendência de produção romanesca, na qual o elemento autobiográfico se apresenta como principal e mais evidente substrato para a (e)laboração ficcional. Como amparo de análise das obras de ficção, os referenciais críticos e teóricos deste estudo serão buscados em Vincent Colonna, Cevile Avouac, Phillipe Lejeune, David Shields, Silvano Santiago e Diana Irene Klinger.

Palavras-chave: Autoficção; Ficcionalização; Autobiográfico; Romance; Contemporaneidade.

Aluno: João Paulo Partala (M)

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo V. Machado

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Isabel Jasinski

Título: O contraponto arguediano: representações de uma realidade heterogênea e transculturada da Literatura Latino-Americana.

Resumo: Em 1928, José Carlos Marátegui publica *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Nessa obra o autor marxista discursa a respeito de várias facetas da sociedade de seu país como a economia, a realidade do indígena peruano, a exploração dos recursos naturais, e principalmente sobre a literatura que ocorre inserida dentro desse processo que se inicia na colonização transcorrendo até seus dias atuais, e porque não, até os dias atuais. Nos anos 40 do século passado, O antropólogo Fernando Ortiz introduz os estudos sobre transculturação trabalhando o efeito dos choques culturais entre negros, europeus e indígenas, transculturação que serviria de base já nos anos 70 e 80 para que o crítico e escritor uruguaio Ángel Rama publicasse sua obra voltada a literatura *Transculturación Narrativa en America Latina*, e também Antonio Cornejo Polar, baseando-se principalmente nos escritos de Mariátegui desenvolve um estudo sobre a heterogeneidade. Toda essa miscelânea nos remete a um escritor da região dos Andes peruanos chamado José María Arguedas, que produziu uma literatura transculturada e heterogênea, assim como Rulfo, Guimarães Rosa e García Márquez, porém sua literatura é muito particular, carregada de sentimentos autobiográficos, de sentimentos políticos e de sua batalha incessante em favor dos indígenas quéchuas que o leva a morte retratada em *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Tendo como embasamento os teóricos já descritos, além de outros que adentraram ao corpus deste trabalho, proponho uma análise, principalmente de *Los Ríos Profundos*, para tanto percorrerei de forma um tanto rápida a trajetória que o levou à escrita desta, sendo necessária a passagem por *Yawar Fiesta*, ponto inicial para a proposta arguediana. Gostaria de destacar como objetivo deste trabalho a representação da realidade, o neo-indigenismo e a ideologia herdada por Arguedas de Mariátegui, ressaltando também sua realização transculturadora, heterogênea e mágica.

Palavras-chave: Indigenismo, Transculturação, Heterogeneidade.

Aluno: Judson Gonçalves de Lima (D)

Orientador: Prof. Dr. Luís Bueno

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Marcelo Sandmann

Título: Depois da MPB: em busca de parâmetros para analisar a atual produção de canções do Brasil.

Resumo: Reside na canção de formato popular uma multiplicidade de possibilidades tanto de pontos de partida quanto de chegada. É um objeto interdisciplinar e pode ser apropriado para usos dos mais diversos. No Brasil se configurou como uma das manifestações artísticas de maior relevância e o auge desta produção foi rotulado de MPB. Este termo, entretanto, não consegue hoje designar a produção de canções que se faz no Brasil desde o início da década de 1990 – dentre outros motivos porque foi constituído sobre um conjunto de eventos, inclusive extramusicais, que não se configuram na atualidade, como as ideologias nacionalistas latentes no período da ditadura militar e da modernização e abertura do país.

O principal objetivo deste trabalho é selecionar alguns parâmetros e aplicá-los sobre um *corpus* de canções do “atual repertório” brasileiro, a fim de analisá-lo em termos de produção e resultado estético. Alguns destes parâmetros são: legitimação de público e/ou de crítica; técnica e tecnologias; difusão/distribuição; trabalho artesanal/marca pessoal; contemporaneidade e criação; e relação com a tradição.

Palavras-chave: música popular; canção; MPB.

Aluno: Juliana da Silva Passos (D)

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Venturelli

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Rodrigo V. Machado

Título: Os romances de Nelson Rodrigues: folhetins, pseudônimos e identidades.

Resumo: O objeto deste trabalho serão os romances escritos por Nelson Rodrigues, sendo estes dois romances-folhetins autorais, cinco escritos sob a alcunha de Suzana Flag, um sob a alcunha de Myrna e ainda o romance não folhetinesco *O casamento* (1966). Tais obras serão analisadas comparativamente, levando-se em consideração:

1. O gênero textual folhetim, seus contextos de produção e recepção, bem como sua inserção na literatura brasileira e seu papel na formação desta com base nas teorias do romance e em estudos de cultura de massa.
2. A inserção das obras pseudonímicas dentro do total da obra rodrigueana: como diferem e como se aproximam, a constituição de uma identidade diversa (ou não) com base nas representações das obras e nas ideologias nelas implícitas.

Aluno: Katrym Aline Bordinhão dos Santos (M)

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Sandmann

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Caetano W. Galindo

Título: Plurilinguismo em *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum.

Resumo: Este projeto consiste na análise do romance *Dois Irmãos* (2000), de Milton Hatoum, tendo em vista o destaque possível de ser dado à dinâmica das vozes que circundam a trama, e que se fundem na figura do narrador Nael, que, atuando também como personagem, narra a partir do que observa e vivencia mas também a partir de relatos e opiniões de outros personagens com que convive. Levando em conta que esse narrador ao mesmo tempo em que nos conta a história busca sua origem, é possível analisarmos as diversas vozes que lhe são transmitidas e que colaboram nessa sua construção identitária ao mesmo tempo em que revelam os diversos tipos com que convive, numa imensa interação dialógica. A forma com que ele manifesta essas vozes na sua narração, demonstrando opiniões acerca de alguns personagens, retardando e até mesmo omitindo fatos, por exemplo, se mostra como um importante campo de exploração do papel que sua voz desempenha na narrativa. Para aprofundarmos nosso estudo nesses pontos, utilizaremos as formulações do teórico russo Mikhail Bakhtin acerca da polifonia no romance, conceito que aborda a coexistência de vozes plenivalentes no romance.

Palavras-chave: *Dois irmãos*; Multiplicidade; Vozes.

Aluno: Leandro Dorval Cardoso (M)

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. João Ângelo Oliva Neto (USP)

Título: Reescrevendo a Reescritura: estudo e tradução do *Amphitruo*, de Plauto.

Resumo: O principal caminho trilhado pela recepção crítica do *Amphitruo*, de Tito Mácio Plauto, tem, como ponto de partida, a afirmação feita pelo deus Mercúrio no prólogo ao texto plautino de que a peça não pode ser considerada nem uma Comédia nem uma Tragédia puras, mas sim uma tragicomédia, dado que nela estão presentes personagens elevados, como reis e deuses, e personagens baixos, como escravos. A partir disso, é comum que se desenvolva uma abordagem da peça preocupada em destacar tanto a presença de traços genéricos trágicos na peça quanto o tratamento cômico a eles dispensado por Plauto. Reescrevendo um tema mitológico em forma de Comédia, o autor latino utiliza-se de traços tipicamente cômicos para trabalhar o mito do nascimento de Hércules – como, por exemplo, a presença de personagens-tipo da Comédia, uma trama complexa e cheia de situações cômicas, bem como o trabalho com os diferentes metros típicos da tradição latina da Comédia Nova.

Nesse sentido, pensar nessas estruturas típicas da Comédia, bem como na forma pela qual foram trabalhadas pelo comediógrafo latino, pode ser visto como uma das formas possíveis de se abordar o *Amphitruo* a partir das suas peculiaridades. Partindo disso, apresentamos uma análise da peça plautina com vistas a destacar a relevância estrutural dos diferentes metros utilizados por Plauto na composição de sua tragicomédia, fato pouco trabalhado pela recepção crítica da obra, com o intuito de fundamentar um projeto de tradução em versos do *Amphitruo* e sua respectiva execução.

Palavras-chave: Comédia Latina; Anfitrião; Plauto; Tradução; Reescritura.

Aluno: Leonardo Lima Cavalli (M)

Orientador: Prof. Dr. Caetano W. Galindo

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Rodrigo T. Gonçalves

Título: A voz narrativa em "*O arco-íris da gravidade*", de Thomas Pynchon.

Resumo: *O arco-íris da gravidade* é o terceiro romance do norte-americano Thomas Pynchon (EUA / 08/05/1937). Publicada em 1973, a obra é considerada um dos mais característicos exemplares do chamado pós-modernismo na literatura de língua inglesa. Entre os elementos presentes no romance que o credenciaram a esta posição estariam a radicalização de procedimentos modernistas, a reflexão historiográfica e a incorporação paródica de produtos culturais de massa. De maneira bastante auto-consciente de sua construção artística, o romance refuta interpretações unívocas que solucionem as contradições que perpassam a trama. A construção fracionada da voz narrativa do romance – que, em geral, nos mostra a realidade como percebida por focos diversos e muitas vezes distorcidos – ajuda a amplificar este efeito de desorientação e instabilidade. Esta pesquisa se propõe a mapear este narrador procurando identificar variações de foco, uso de múltiplas vozes, discursos paródicos e outros recursos utilizados ao longo da narrativa. A partir deste quadro será possível relacionar a estrutura do romance a algumas de suas particularidades centrais como a fragmentação e a inconclusibilidade.

Aluno: Luiz Roberto Zanotti (D)

Orientador: Profa. Dra. Célia Arns de Miranda

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Anna Stegh Camati (Uniadrade)

Título: *Auto de Angicos*: Entre o real e a reflexão.

Resumo: *Auto de Angicos (2005)*, escrito pelo dramaturgo baiano Marcos Barbosa, é um bom exemplo de como duas montagens baseadas em um mesmo texto dramático podem resultar em espetáculos com concepções completamente diversas. De uma maneira geral, a diferença que mais se destaca, é a proposta de uma encenação realista pela diretora baiana Elisa Mendes em contrapartida com a montagem do diretor mineiro Amir Haddad que optou pela adaptação do texto para o palco a partir de uma perspectiva brechtiana. Este ensaio busca analisar os elementos que possibilitaram esta diversidade entre os dois espetáculos apresentados pelos dois diretores a partir dos seus diferentes estilos teatrais. Segundo Oscar Brockett (1974), o estilo teatral é fortemente influenciado por três fatores, a saber: a forma como o encenador apreende a realidade (a aparência superficial pode distinguir a realidade e/ou ela só pode ser encontrada nas profundidades do inconsciente); como o encenador manipula o seu meio de expressão (aspectos auditivos, visuais, performáticos, etc.); e os resultados da maneira pela qual a peça é apresentada no teatro, pois além do encenador, o ator, a cena, a dança, os figurinos, a iluminação e a música também influem na forma como é traduzida a peça do texto para o palco.

Aluno: Marcelo Bourscheid (M)

Orientador: Prof. Dr. Roosevelt Araújo da Rocha Jr

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Título: *Ifigênia entre os Tauros*, de Eurípides: introdução, tradução e notas.

Resumo: O objetivo do projeto é realizar uma tradução, acompanhada de estudo introdutório e notas explicativas, da obra *Ifigênia entre os Tauros*, de Eurípides, a partir da edição de J. DIGGLE (1986). Na introdução, propõe-se um estudo crítico sobre a recepção da obra, desde a *Poética* de Aristóteles, em que foi vista como um modelo para a composição trágica, até seu desprestígio pela crítica moderna e a reavaliação de sua importância por estudos recentes. Por tratar-se de uma obra cuja escritura estava orientada para o horizonte performativo das representações teatrais atenienses no século V a. C., nossa abordagem tradutória e crítica enfatizará as relações entre performance e textualidade, mostrando como Eurípides se apropriava dos elementos da encenação teatral disponíveis na Atenas do século V a.C como recursos fundamentais para a composição de sua escritura dramática.

Palavras-chave: Tragédia; Performance; Tradução.

Aluno: Marília Aiko Kubota (M)

Orientador: Profa. Dra. Patrícia da Silva Cardoso

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Márcia Namekata

Título: O cantador e a escuridão: *mimi nashi hoichi*. Realismo fantástico japonês na ficção pós-moderna.

Resumo: O conto do folclore japonês Mimi Nashi Hoichi foi traduzido para a forma artística pelo escritor Valêncio Xavier, em 1986. A transposição abre as portas para discutir o rico universo da cultura japonesa ambientada numa narrativa pós-moderna. A tradução criativa confirma as posições vanguardistas de Xavier, usando a fragmentação da realidade histórica para compor um mosaico de textos (prosa e poesia) e imagens, seguindo as inovações narrativas da ficção contemporânea.

O conto original traz como protagonista um cantador cego, que dissemina um clássico da literatura japonesa, o Heike Monogatari. Hoichi, o Cantador na Escuridão, tem equivalentes ocidentais na ordem sincrônica, os jograis da Idade Média Européia. Como eles, Hoichi é um músico nômade, e tem em Homero seu arquétipo, divulgando os épicos da Antiguidade.

A permanência do passado no presente é um tema da pós-modernidade, e não à toa o Japão é dos dois países (o outro é o Brasil) citados como exemplos de cultura pós-moderna, onde tudo acontece ao mesmo tempo agora. Na época Ukiyo-e (Mundo Flutuante), tempo da ação da narrativa, o passado convive com o presente e isto é refletido na narrativa recriada por Xavier. O biwa hoshi, o cantador popular japonês, representa o fim da era da narrativa oral, substituída pela reprodução escrita. Na literatura pós-moderna, vemos um resgate da narração tradicional, com justaposições entre texto e imagem ou prosa e poesia, Ocidente e Oriente, rerepresentados na ficção xaveriana “imitando uma obra japonesa”, ou seja, sem linearidade logocêntrica.

Neste trabalho pretendo abordar aspectos da cultura medieval japonesa, como as representações do Ukiyo-e, as imagens do mundo flutuante, presentes na narrativa de tradição oral e suas implicações na Religião, Política e Artes. E relacionar estes aspectos à ficção pós-moderna, que tem adotado processos criativos de culturas não-ocidentais para imprimir maior significado às transformações sociais de nosso tempo.

Palavras-chave: Fantástico, *Kaidan*, *Ukiyo-e*, Pós-modernismo.

Aluno: Rafael Costa Santos (M)

Orientador: Profa. Dra. Marilene Weinhardt

Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Alessandro Rolim de Moura

Título: *Memórias de Adriano*: o Existencial erigido em Histórico.

Resumo: “Em 1951 foi algo como um choque quando Marguerite Yourcenar venceu o Goncourt com *Memórias de Adriano*, tão completamente fora de moda, parecia qualquer tipo de ficção histórica — mesmo uma anomalia estranha como esta — na verdadeira república das letras. Existia ainda quem escrevesse esse tipo de coisa?” (Perry Anderson, em *Trajatória de uma forma literária*). A estranha anomalia evocada consistia essencialmente em que, ao tomar por narrador uma figura histórica como o imperador Adriano, e mobilizá-lo na função de autor de suas próprias memórias, Yourcenar dava azo a que o *histórico* fosse apreendido a partir do enfoque *existencial*, invertendo e renovando o padrão que tendia a caracterizar os romances históricos desde o século XIX, descrito por Lukács em *O Romance Histórico*. Constituindo-se em intertextualidade e interdiscursividade com gêneros e escritos, históricos, filosóficos, literários, não somente da época do governante, mas também anteriores e posteriores, a narrativa se permitia evocar inclusive o porvir de Roma, ao caracterizar Adriano como um visionário. Viajante ao longo e ao largo do território do império, e atuante em variadas áreas, esse imperador, enquanto personagem, dava ocasião à mobilização daquilo que a tradição consolidara como constituindo o *histórico*: os grandes eventos sociais, e a atuação dos grandes homens. A narração pelo imperador permitia o recurso a ampla gama de discursos históricos, tais quais: a história da vida privada, a das idéias, a do cotidiano, a dos vencidos, a da arquitetura, a história econômica, a bélica - potenciais portadores todos de subsídios para informar a narrativa. Por outro lado, a dimensão memorialística narrativa facultava o desenvolvimento do existencial. Este estudo se propõe a buscar aquilo que caracteriza *Memórias de Adriano* como um romance histórico, e a analisar como a obra ficcionaliza e existencializa a informação auferida em documentos históricos.

Palavras-chave: Memórias de Adriano; Marguerite Yourcenar; Romance Histórico.

Aluno: Raimone Fagundes (D)
Orientador: Profa. Dra. Marilene Weinhardt
Sugestão de debatedor: Prof. Dr. Luís Bueno

Título: A ficcionalização da história do/no centro-oeste, no século XXI: romances, guerras, memórias e outras histórias.

Resumo: O projeto **A ficcionalização da história do/ no centro-oeste, no século XXI: romances, guerras, memórias e outras histórias** dialoga com dois projetos que ancoram a perspectiva de um passado de pesquisa (“A literatura Mato-grossense: a constituição do seu discurso historiográfico”, mestrado, UFRGS, 2002), e frutifica na medida em que só é de fato organizado em função das relações com o projeto coordenado pela Professora Doutora Marilene Weinhardt intitulado “**O uso do discurso de memórias na ficcionalização do passado histórico 2001-2010**”.

Pretende, a partir disto, dar visibilidade às produções literárias contemporâneas do centro-oeste, evidenciando a análise dos seguintes romances: **República transatlântica ou o Estado livre de Mato Grosso**, Gabriel de MATTOS, publicado em 2005, **Cunhataí: um romance da guerra do Paraguai**, Maria Filomena Bouissou LEPECKI, de 2003, **Eu, Kalunga**, Custódia WOLNEY, 2005 e **Guerra no Coração do Cerrado**, de Maria José SILVEIRA, em 2006.

O Projeto oportuniza a retomada do tema da manifestação regionalista ancorado na delimitação geopolítica, demarcadora e caracterizadora das manifestações do romance contemporâneo na medida em que se representa como narrativa ficcionalizadora da história regional e como expressão das memórias culturais do centro-oeste. Além de reconstituir a ligação entre Literatura e História, acerca da ficcionalização dos fatos históricos e a importância para a configuração deste tipo de discurso na contemporaneidade na região central, trata-se de inquirir –por meio dos romances de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal, cujas produções datam do século XXI, – sobre as formas e expressões do romance histórico no século XXI, sobre os aspectos teóricos acerca da integração da literatura/ história/ memória, dos aspectos regionalistas e da construção identitária da literatura do centro-oeste buscando uma trajetória entre a memória, a tradição e a contemporaneidade.

Palavras-chave: ficcionalização da história, memória, regionalismo, romance contemporâneo.

Aluno: Regina Portela (M)

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Venturelli

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Maria Célia Fantim

Título: A (des)construção da infância e da família na obra de Lygia Bojunga.

Resumo: Infância e família são conceitos socialmente construídos e que para a maioria das pessoas pertencem ao campo das Ciências Sociais. No entanto, nesta época em que os estudos culturais ganham fôlego e o diálogo entre arte/ciência/sociedade é cada vez mais retomado, é possível recorrer à arte - especialmente à Literatura - para discuti-los. De fato, em meio a tanta especialização no espaço da teoria, em que se categoriza, esquarteja e esquadrinha todo nosso (suposto) saber sobre nós mesmos, a arte parece ser, como de modo feliz sinalizou Eagleton " um descanso bem - vindo frente aos rigores alienantes dos outros discursos" (EAGLETON, 1990). Família e infância são conceitos intrinsecamente ligados, pois a noção da infância só passa a existir com a constituição da família burguesa. Embora a visão romantizada desses conceitos tenha se perpetuado, as organizações familiares e as relações entre seus membros vêm sofrendo modificações ao longo da história. No entanto, grande parte da arte literária destinada ao público infanto-juvenil insiste em ignorar as mudanças e conflitos existentes nas relações familiares. Lygia Bojunga apresenta em suas obras um trabalho de questionamento e dessacralização da instituição familiar. Além disso, a autora reserva tratamento especial ao personagem criança, desmistificando noções históricas e culturais que temos a respeito desses seres, de modo que se revela pertinente um olhar mais cuidadoso para as obras dessa autora à luz dos estudos culturais.

Palavras-chave: família, infância, criança, literatura infanto-juvenil, desconstrução.

Aluno: Sabrina Bandeira Lopes (M)

Orientador: Prof. Dr. Caetano W. Galindo

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Célia Arns de Miranda

Título: Tradução anotada da peça *Crave*, de Sarah Kane.

Resumo: Proponho uma tradução que respeite os aspectos formais da peça *Crave*, de Sarah Kane. O drama como experimento linguístico quebra fronteiras, neste caso, entre gêneros literários, aproximando-se da poesia. A fragmentação da linguagem efetuada por Kane se dá duplamente: no diálogo e na própria forma dramática – fragmentação do sujeito. A ação e o ritmo se concentram totalmente na fala. As vozes em *Crave* são antes arquétipos, definidos por motivações e sentimentos, e não por um contexto social precisamente fixado. Em certos pontos, as quatro vozes assumem um só discurso, tornando-se uma. O ritmo da fala e de suas quebras em *Crave* é rigorosamente orquestrado. Em certos momentos, a polirritmia cede lugar à prosa em pequenas narrativas, alterando o ritmo da peça em uma escala mais ampla. Outro aspecto constitutivo de *Crave* é a intertextualidade (igualmente se aproximando da poesia). O trabalho exigirá uma pesquisa das fontes, com atenção especial a *The Waste Land*, de T. S. Eliot.

Palavras-chave: Sarah Kane, *Crave*, Ânsia, Falta, Teatro inglês, Dramaturgia contemporânea, Teoria do Teatro, Tradução literária.

Aluno: Suzana Tamae Inokuchi (M)

Orientador: Profa. Dra. Célia Arns de Miranda

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Márcia Namekata

Título: A ascensão da figura do antagonista em duas adaptações fílmicas shakespearianas de Akira Kurosawa.

Resumo: A tradução cultural das tragédias *Macbeth* e *Rei Lear* de William Shakespeare, para o universo feudal, empreendida por Akira Kurosawa, respectivamente, nos filmes *Trono manchado de sangue* e *Ran* está centrada na figura do samurai e seu código de conduta (*Bushidō*). Neste processo de tradução cultural, são utilizados elementos culturais tipicamente japoneses como o feudalismo japonês, o *Nohgaku* (composto pelo teatro tradicional *Noh* e pelo teatro cômico japonês *Kyōgen*), o Budismo, aspectos da língua japonesa (dentre eles, a formalidade e a informalidade e a linguagem respeitosa) e momentos específicos da História japonesa. A forma como estes elementos culturais aparecem nos dois filmes proporciona, ao mesmo tempo, um elo de intratextualidade – quanto ao feudalismo e ao teatro *Noh* - e de contraste – com a introdução do *Kyōgen*, dos aspectos da língua japonesa e das armas de fogo, em *Ran*. Em ambos os filmes, a presença de conceitos do código de conduta do guerreiro samurai, tais como morte honrosa e suicídio ritual – *seppuku* – possibilitam uma reflexão sobre os conceitos em si e a distância que existe entre eles e a visão ocidental sobre a morte. Ao decidir transformar os protagonistas em valorosos samurais, o diretor transfere grande parte de suas falhas trágicas e da responsabilidade pela condução da tragédia para outras personagens, o que possibilitou a ascensão da figura das antagonistas Asaji e Kaede. Estas personagens femininas não medem esforços para concretizar seus objetivos, que são: a ambição desmedida, no caso de Asaji, e a vingança, para Kaede. Estas vilãs, cuja força e astúcia superam às dos homens ao seu redor, propõem também um questionamento sobre a posição da mulher na sociedade feudal japonesa e, igualmente, um histórico sobre a condição feminina no Japão, que se alterou bastante ao longo das Eras.

Aluno: Zama Caixeta Nascentes (D)

Orientador: Prof. Dr. Luís Bueno

Sugestão de debatedor: Profa. Dra. Raquel Illescas Bueno

Título: *Corpo de baile*: sua unidade na relação com o romance de 30 a 56.

Resumo: A pesquisa projetada tem como objeto a obra *Corpo de baile*, lançada por Guimarães Rosa em 1956. Composta de sete narrativas, o problema levantado é o da sua unidade. Que formam um conjunto, atesta-o a correspondência do autor com o tradutor italiano Eduardo Bizarri. Na tradição crítica, esse é aspecto lembrado, até onde conhecemos, apenas por Heloísa Vilhena em *A raiz da alma*, tese publicada em 1992. Das disciplinas de *Ficção de Língua Portuguesa I* e *Ficção de Língua Portuguesa II*, cursadas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, vieram-nos as duas idéias mestras do projeto: buscar, no modo como o romance de 30 a 56 figura a modernização do Brasil, os fios dessa unidade e na Antropologia e na Psicologia conhecidas de Mário de Andrade as bases teóricas para entender as noções de primitivo e civilizado que atravessam as discussões dos idos de 30 e que chegam a *Corpo de baile*.

Dos escritores do período temos em vista Jorge Amado, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Rachel de Queiroz, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Lúcia Miguel Pereira e Érico Veríssimo. Na Antropologia, guiamo-nos pela formação de Mário de Andrade nessa área a partir de 30, conduzida pelos estrangeiros Frazer, Levy-Bruhl, Andrew Lang e Tylor e pelos brasileiros Nina Rodrigues e Arthur Ramos. Na Psicologia, por Freud e Jung, conhecidos de cientistas sociais e romancistas. Como aspectos primitivos da cultura nacional tomamos, com base já no referencial teórico, as culturas negra (em especial os cultos africanos) e indígena e o folclore nacional – largamente pesquisado por Arthur Ramos, Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Amadeu Amaral, Edison Carneiro. Como elementos da civilização moderna, a industrialização e seus corolários: emergência do proletariado, crescimento das cidades, necessidade de maior escolarização, avanço do pensamento científico como forma de explicação do mundo físico e social.

MODALIDADE DE PARTICIPAÇÃO OPCIONAL

Aluno: Adriano Scandolara (M)

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo T. Gonçalves

Título: Libertando Prometeu: a tradução-crítica e a formação da identidade de Percy Bysshe Shelley.

Resumo: Em 1820, o poeta romântico inglês Percy Bysshe Shelley (1792 – 1822) publicava seu drama lírico *Prometeu Desacorrentado*, uma recriação da peça perdida de Ésquilo de mesmo nome, que encerraria a trilogia clássica sobre o titã. É evidente, no entanto, que a reescritura romântica de um modelo da antiguidade não representa um exercício de imitação inócuo, mas, sim, traz sentidos estéticos e ideológicos bastante diversos daqueles suscitados pelas peças originais. Um deles é a necessidade do poeta de alterar o mito, substituindo a reconciliação entre Prometeu e Jove, que ocorreria em Ésquilo, pela queda do deus olímpico. Além disso, somam-se ao texto influências modernas como *Paraíso Perdido* de John Milton e *Fausto: uma Tragédia* de J. W. Goethe, ao mesmo tempo em que ele se insere no sistema do restante da obra poética de Shelley, compartilhando temas e imagens e dialogando com vários de seus outros poemas.

A recepção de Shelley, como se sabe, não foi uniforme e, no que diz respeito ainda à sua obra, pode-se identificar pelo menos três facetas pelas quais ela foi defendida ou atacada pela crítica póstuma, de Matthew Arnold a Harold Bloom: a poesia política, a egótica e a mitopeica. Pensando no tradutor e no crítico como reescritores, responsáveis pela fama literária de um autor, segundo as concepções de André Lefevere, o presente trabalho propõe a tradução completa de *Prometeu Desacorrentado*, visando a recriação de uma imagem de Shelley capaz de representar essas três facetas de sua poesia simultaneamente. Ao mesmo tempo em que a tradução é apresentada como um meio de introduzir devidamente o poeta ao público brasileiro, propõe-se um estudo sobre reescritura e criação de imagem, tanto sobre Shelley e seus reescritores póstumos quanto sobre Shelley e os autores que ele mesmo reescreveu ao compor *Prometeu Desacorrentado*.

Aluno: Ana Carla Vieira Bellon (M)

Orientador: Profa. Dra. Lucia Sgobaro Zanette

Título: Ser e não ser: diálogos refletidos pelo espelho de Alice.

Resumo: Diante do *boom* de interpretações dos clássicos de Lewis Carroll *Alice no país das Maravilhas* e *Através do Espelho* surgidas nos últimos anos e dos estudos teóricos variados voltados para a obra, surge a curiosidade de investigá-la a partir de um ponto de vista também em voga: a construção da alteridade. Alice traz características que delimitam uma busca daquilo que não é por um processo de eliminação e, desta forma, uma identidade fluida. Possui traços predominantemente da literatura de tradição não realista e algumas das mudanças e dos questionamentos sofridos pela protagonista são diretamente proporcionais à quantidade de olhares que a cerca, desta forma o projeto propõe uma análise da construção da alteridade da personagem. Traz, ainda, relações entre identidade e subjetividade, além de contemplar discussões como literatura fantástica, personagem, realidade. Para o desenvolvimento deste trabalho, o método será, principalmente, de pesquisa bibliográfica. Com o estudo em questão pretende-se chegar a um delineamento de como se dá a construção da identidade da personagem em foco, além de encontrar respostas engajadas a esta como: perfis das personagens que predominam no clássico em questão; quais os questionamentos e as mudanças representados pelo discurso não realista, quais os reflexos do outro na delimitação do que Alice não é, como quer Tomaz Tadeu da Silva (2000) quando propõe a sua extensa “cadeia de negações”.

Palavras-chave: Alteridade. Subjetividade. Identidade. Literatura não realista.

Aluno: Christy Beatriz Najarro Guzmán (M)

Orientador: Profa. Dra. Isabel Jasinski

Título: O exílio como uma proposta de construção do sujeito como “outro” em *El Diablo sabe mi nombre* de Jacinta Escudos.

Resumo: Ao longo do tempo a literatura salvadorenha foi se construindo a partir de dois pólos: o primeiro era pautado pelos princípios nacionalistas, moralistas e capitalistas da sociedade da primeira metade do século XX. O segundo estava ligado a ideologias revolucionárias que tinham como objetivo primordial a denúncia da injustiça social, provocada pela ditadura militar, e, posteriormente, a reflexão (e às vezes panfletagem) política durante o processo de guerra civil (1980-1990). Durante e após esse processo bélico, muitos intelectuais, artistas e escritores foram exilados. Sendo assim, degradado por uma guerra civil e cindido pela experiência do exílio, o literato-intelectual percebe-se sem um centro em que experimenta uma “perda da unidade” de si (HALL, 2006). Isso possibilitou a experimentação na linguagem tanto no nível formal como no temático. Partindo disso, acreditamos que o exílio se por um lado o exílio fragmenta o sujeito e provoca a destruição do centro, por outro, essa mesma dissolução de unidade permite a disseminação e a existência múltipla do sujeito, provocando a “alteridade”.

Uma das autoras salvadorenhas que problematiza a questão do sujeito cindido explorando suas possibilidades através da escrita é Jacinta Escudos, que permaneceu no exílio durante vinte anos, momento em que, para a autora, “la escritura era (...) una manera de atreverme a ponerle nombre a las cosas (...)” (ESCUDOS, 2004).

Conforme o anterior, esta pesquisa terá como objeto de estudo o livro de contos *El Diablo sabe mi nombre* (2008), de Jacinta Escudos explora a figura do sujeito como algo móvel, divisível e transmutável, sendo assim o sujeito se apresenta como “ser múltiplo”.

Palavras-chave: exílio, outro, identidade.

Aluno: Ricardo Luiz Pedrosa Alves (D)
Orientador: Prof. Dr. Fernando Cerisara Gil

Título: A novela rural de Wilson Bueno.

Resumo: Em *Meu tio Roseno, a cavalo*, Wilson Bueno repõe, re-articulando, as tensões entre telurismo e cosmopolitismo, características da especificidade da literatura brasileira de representação rural. De fato, o procedimento narrativo articulado sob tais tensões, detectado a partir da conjugação criativa e crítica de forma literária e sistema social, apresenta diversas modulações do Alencar de *O Sertanejo* ao Rosa de *Grandes Sertões: Veredas*. Wilson Bueno parece propor o nomadismo nesta equação. A operação nômade orienta a obra de modo a aproximar movimentos centrífugos, típicos do descentramento errante da escrita neobarroca, aos movimentos centrípetos de constituição de identidade. Tal nomadismo acontece tanto na opção por uma sintaxe liminar, onde o registro idiomático e o ritmo narrativo oscilam entre o português, o espanhol e o guarani, como também na labilidade da nomeação, o que torna instável o próprio exercício de representação ficcional.

Aluno: Vinicius Ferreira Barth (M)

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo T. Gonçalves

Título: Caminhos e escolhas em uma reescrita poética da *Argonáutica* de Apolônio de Rodes.

Resumo: Esta apresentação tem como objetivo principal a exposição e discussão do atual *work in progress* que é o processo de tradução da *Argonáutica* de Apolônio de Rodes. A obra, concebida no furor produtivo do chamado período helenístico que era centralizado em Alexandria, está inserida em um contexto muito fértil no que se refere a inovações poéticas e questionamentos de convenções literárias. Por ser o texto fundador da épica literária ocidental, já que a tradição homérica anterior é essencialmente oral, é de se esperar que se estabeleça um diálogo estreito entre a *Argonáutica* e as épicas homéricas – a *Ilíada* e a *Odisséia* –, tanto em termos de retomada das convenções quanto de negação delas. De fato, esse diálogo é observado durante o trabalho de tradução, assim como são observadas as transgressões de Apolônio à convenção épica homérica. Frente a esse jogo intertextual, como o tradutor deve proceder na transposição do texto à sua própria cultura? A escolha deste projeto tradutório tende a dialogar com traduções mais recentes da épica clássica, entre elas a *Ilíada* de Haroldo de Campos. Que outras saídas seriam viáveis para a tradução dessa épica nos dias de hoje? Pretendo, assim, de acordo com as minhas próprias justificativas tradutórias, fazer uma exposição dos caminhos trilhados nessa tradução em andamento, assim como de trechos da abertura do poema que mais explicitamente promovem diálogos com a tradição, seja como incorporação, seja como rebeldia.

Palavras-chave: Apolônio de Rodes; *Argonáutica*; tradução; épica.